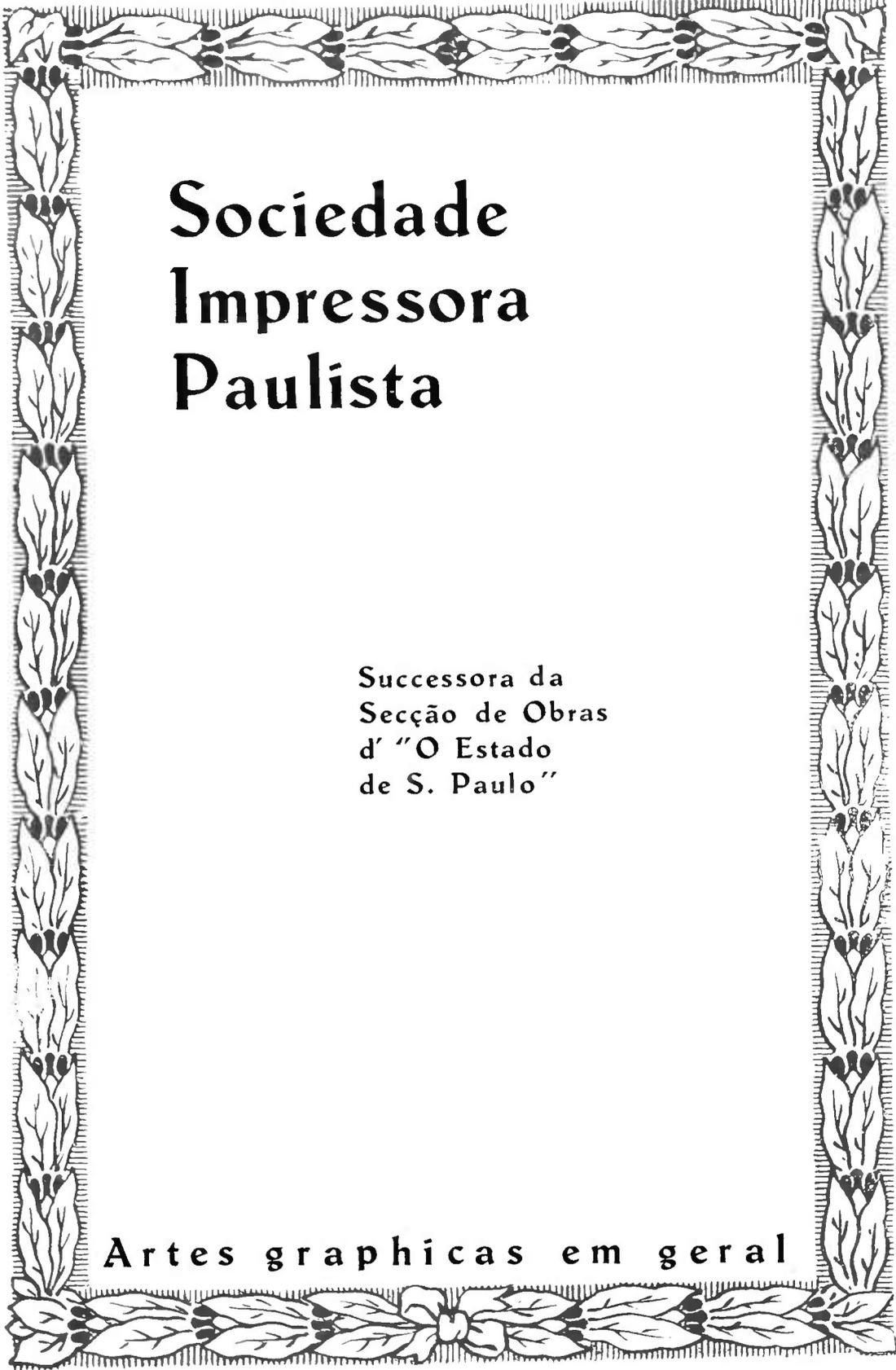


27. SET. 28
PRELO 18000
N:25



ARABIA



Sociedade Impressora Paulista

Successora da
Secção de Obras
d' "O Estado
de S. Paulo"

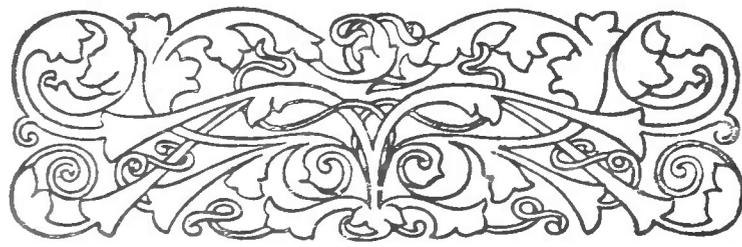
Artes graphicas em geral

Rua Scuvero, 22

End. Telegraphico : Impressora

Telephone, 7 - 1106

M a r i a n o C o s t a & C o m p .



ARLEAVIA

EXPEDIENTE
ASSIGNATURAS:
Por anno 30\$000
Por semestre ... 18\$000
Venda avulsa ... 1\$000

GERENTE:
Mauricio Goulart

REVISTA DE ACTUALIDADES

Publica-se às Quintas-feiras alternadas, em São Paulo
Redacção e Administração
R. Libero Badaró, 23 - sob. - 2.º andar - salas 16 e 17
CAIXA POSTAL 3323
PHONE 2-1024

PREÇO 1\$000

Corpo de Redacção:

MERCADO JUNIOR, AMERICO R. NETO, FELIX DE QUEIROZ, DE LIMA NETTO, ASSUMPÇÃO FLEURY

Collaboradores:

ALBA DE MELLO (SORCIÈRE), MARIA JOSÉ FERNANDES, MARILÚ, MURILLA TORRES, ELSIE PINHEIRO, COLOMBINA, DULCE AMARA, AMADEU AMARAL, VICENTE ANCONA, RICARDO DE FIGUEIREDO, A. DE QUEIROZ, RAUL BOPP, GUILHERME DE ALMEIDA, NARBAL FONTES, MURILLO ARAUJO, REIS JUNIOR, OLIVEIRA RIBEIRO NETTO, SILVEIRA BUENO, FRANCISCO PATTI, J. RAMOS, HONORIO DE SYLOS, EDMUNDO BARRETO, RUBENS DO AMARAL, PERCIVAL DE OLIVEIRA, MELLO AYRES, AMERICO BRUSCHINI, THALES DE ANDRADE, CORREA JUNIOR, BRENNO PINHEIRO, CLEOMENES CAMPOS, AFFONSO SCHIMIDT, GALVÃO CEPQUINHO, MARIO L. CASTRO, MARCELLINO RITTER, ANTONIO CONSTANTINO, THEOPHILO BARBOSA, JOSÉ PAULO DA CAMARA, LÉO VAZ, ETC.

DIRECTORES:

Sud Mennucci
Mauricio Goulart
Pedroso d'Horta

ILLUSTRADOR:
J. G. Villin

I n u t í l í d a d e

Vá, vá, pensamento.

Vá sahindo, vá-se embora,
e me deixe socegado.

Se você pensa que pode
mais do que eu — está enganado,
que você isso não pode.

Vá, vá, pensamento.

Vá sahindo, vá-se embora,
e me deixe socegado.

(Eu sei que hei de dar essa ordem
de 1.º de janeiro a 31 de dezembro...)



M a u r í c i o G o u l a r t

ARLEQUIM

Vinho Reconstituente

Silva Araujo

**CARNE QUINA
E LACTO PHOSPHATO DE CALCIO
SILVA ARAUJO**



OPINIÕES DE SUMMIDADES MEDICAS:

“De preparados analogos, nenhum, a meu ver, lhe é superior e poucos o igualam, sejam nacionaes ou estrangeiros; a todos, porém, o prefiro sem hesitação, pela efficacia e pelo meticoloso cuidado de seu preparo, a par do sabor agradavel ao “paladar de todos os doentes e convalescentes”.

Dr. B. da Rocha Faria

...excellente preparado que se emprega com a maxima conuiança e sempre com efficacia nos casos adequados.

Dr. Miguel Couto

...dou com desembaraço e justiça, o testemunho dos grandes beneficios que me tem proporcionado na clinica...

Dr. Luiz Barbosa

...excellente tonico nervino e hematogenico, applicavel a todos os casos de debilidade geral e de qualquer molestia infectuosa.

Dr. A. Austregesilo

...este preparado é um dos melhores que conheço pela sua efficaz acção tonica.

Dr. Rodrigues Lima

...me tem sido dado constatar em doentes de minha clinica, os beneficios effeitos do Vinho Tonico Reconstituente Silva Araujo.

Dr. Henrique Roxo

Dentre os productos similares destaca-se o “Vinho Reconstituente” de Silva Araujo.

Dr. Nascimento Gurgel

...numerosas são as provas que, desde longo tempo hei colhido de sua bemfazeja influencia tonificante sobre o organismo.

Dr. Toledo Dodsworth



Eu não sei como é que ha gente que fala da semsaboria do flirt. O flirt é uma das mais lindas expressões da sympathia humana. O flirt é o amor espiritualizado, e, por isso,

O F l i r t

encerra a ausencia mesma do Amor. Mas o flirt, melhor ainda que o amor, nunca nos espera com desillusões. Entre um e outro vae a differença que separa o divino do precario. O primeiro se contenta em se manter de longe, e como de longe a sua fantasia pôde aperfeiçoar o objecto do seu culto, emprestando-lhe todas as bellezas da terra, temos que realizar o milagre de encontrar o ser que merece todas as delicadezas do seu sentimento. O segundo, não: aproxima-se do ente eleito; e é isso o que irremediavelmente lhe anniquila o prestigio. Todo o sonho é bello enquanto não está ao alcance das nossas mãos. Desde que se effectiva perde os encantos que lhe davam supremacia.

Dois olhares que se cruzam têm ás vezes muito mais eloquencia que quaesquer palavras. Ha olhares que chamam, convidam, como ha olhares que desdenham e repellem. Nos olhos se atraçoam todas as bellezas ou fealdades dos corações. Ternos, melancolicos, romanticos, interrogativos, ou atrevidos, chispantes, desafiadores, nelles se retrata tudo o que ha por dentro, tão fiel e crystallinamente como na superficie de um espelho. Revelando as paisagens interiores elles evidenciam perfeitamente as semelhanças e congeneridades dos espiritos, e assim estes se podem procurar ao sabor das suas tendencias, e construir castellos, os mais solidos e formosos...

Não ha linguagem mais sincera que a dos olhares. A boca pôde mentir, mas os olhos não mentem. Sendo a linguagem mais sincera, é por força a mais bella e deliciosa. Aos seus encantos apenas são insensiveis os que não sabem vibrar, ou que não comprehendem os segredos maravilhosos que se escondem nos olhos. Pobres creaturas!

E' por isso, com certeza, que ha gente que acha uma semsaboria aquillo que é um grande goso. E' que nem todos teem os refinamentos necessarios, o requinte espiritual bastante para penetrar a subtiliza do flirt, que é uma das mais lindas expressões da sympathia humana...

A m e r i c o

B r u s c h i n i

A caboquinha
do Norte

A caboquinha do Norte,
nascida no Pagehú
é doce que nem garapa
de mé de abeia uruçú!
Morena cô de canella,
Bonita cuma ninguem,
pru Deus foi posta no mundo
prus home disê: meu bem!

Os seu cabelo são preto,
pretinho que nem anum
e prende mais do que as corda
que as véias fas de ticum!
Os óio — que precipiço! —
Parece dois lampeão
que só alumeia a gente
pras grota da perdição!

A bocca é feita de um cravo
— boquinha assim nunca vi —
quem beija ficas cus beijo
de quem comeu sapoti!
Pru mode um feitiço desse
eu corro as terra e o má,
assim cuma quem percura
o que não pode encontra!

D o m i n g o s

M a n g a r i n o s

O CONTO DE ARLEQUIM

Pierrot refugiado no portico dum terraço, jazia quasi insensível, ab-sorto na solidão da enorme chuva que tombava. Seu olhar indeciso vagava no deserto encharcado da grande avenida, inda ha pouco transbordante de ruidosos carnavalescos, interrompidos no seu curso fantastico pelo aguaceiro inclemente. Sua lembrança acompanhava esse bando alvorçado, fugindo em automoveis celeres, envoltos em serpentinas esvoaçantes, com longos cabellos desgrenhados...

Pierrot sentia o vazio e o silencio da vida sob o fragor da pesada carga d'agua...

O cahir das chuvas faz scismar e de scisma em scisma, Pierrot foi ter ao mais remoto das suas recordações e então se viu pequenino, conduzido por indifferente mão que o não amparava e nem lhe acariciava a cabelleira de oiro. Como era diferente da outra fria e branca mão que lhe deram a beijar, numa tarde, nas sombras de camara negra onde ardiam cirios e vultos se moviam vagarosamente!... Aquella branda mão que o acalentava ao som de melodias dormentes, que o afagava e, por fim, o olçava a nus labios sorridentes que o beijavam demoradamente; a querida mão que o conduzia depois pelas frescas avenidas de parques gigantescos!... Porque desaparecera essa inão festiva que lhe chocalhava guisos nas festas dum carnaval de amor, cheio de risos e carinhos?... Porque se enregelou tanto e tão branca quedou? Para onde a levou o cortejo cabisbaixo e negro, na tarde de um dia que, como este se extinguia diluido em agua?...

A chuva correra sobre o céu azul, uma cortina cinerea...

Sentia agora Pierrot, o peso de um olhar severo e triste e o aperto da grande mão que o conduzia, ás pressas, nervosamente, por um corredor quasi sem luz, terminando em ampla sala inundada de sol...

Quem o recebeu ahí com ligeiro sorriso, estendendo a morna mão da indifferença para o esboço de um afago aos seus cabellos louros?...

Porque a grande mão pesada e tremula, apertava tanto a sua? Para que o levantou a nus olhos nadando em lagrimas, que o contemplaram demoradamente e lhe collou a fronte a nus labios contrahidos que o beijaram angustiados?...

Fechara-se para sempre a porta da sala cheia de luz, para o corredor escuro...

Quando Pierrot já não perguntava por ninguem, levaram-no, certa noite, apressadamente, para junto de um leito em torno do qual vultos rondavam visando de leve e lhe deram a beijar a mesma grande mão que o conduziu nervosamente a-travez daquelle escuro corredor... Ardia agora, em febre, tremula num afago convulso á sua cabelleira de oiro... E quantas vezes voltou á beira desse leito a beijar a mesma grande mão ardente!

Como o abandonaram alli, na ultima tarde? Pierrot tremia apavorado, desviando os olhos do leito escuro; o medo engasgava-o... Sentindo-se tão só, aproximou-se tímido e tocou a grande mão livida e fria que, ao seu contacto se levantou a custo e tremula e pesada, cahiu-lhe sobre a cabeça num amparo para sempre!... Pela janella entravam as sombras da tarde escura que desaparecia aos poucos no poente occulto onde roncava negra tempestade...

Na grande avenida as arvores derreavam os seus galhos encharcados...

Pierrot se via agora amparado por mãos rudes e laboriosas, na vida livre dos campos — sob o azul dos céos — cantando á beira dos caminhos, aos que passavam, as alegrias da vida. Entoavam-lhes a musica que aprendera das arvores, no canto dos passarinhos... Aquellas mãos callosas, que não se espalmavam mais, deram-lhe o pão simples para o corpo, enquanto sua alma desabrochava á sombra do arvoredado que o bom Deus plantou na terra...

E Pierrot cresceu assim, sem amigos, nem amores, amando a todos e a tudo com o mesmo amor descuidado e rindo, o riso ideal das zombarias francas.

As torres da cidade, parecia-lhe tel-as visto muito ao longe, sob os céos claros dos crepusculos illuminados...

Mas escurece-lhe uma vez ainda o horizonte em negra borrasca... O tufão passou, alta noite, esgalhando arvores antigas, entornando ninhos, sublevando a terra... Quando veio o dia o casal que o abrigava era um montão de minas! Pierrot surtiu dellas como quem desperta —

esfregando os olhos e mirando em torno. E viu apenas as duas mãos crispadas pelo trabalho, sahindo dos escombros. Pierrot tomou-as e, sentindo-as ainda quentes de vida, apertando as suas, cavou e removeu e levantou pesos enormes, para arrancar do entulho aquellas mãos protectoras... Depois, estonteados e sozinhos, partiram em direcção ás torres que se desenhavam nitidas no céu claro da manhã.

Sabe-o Pierrot o que foram os longos mezes passados nas mansardas da cidade magnifica! Os frios, as fomes e a suave esperanza morta quanto a mão engelhada, que o guiava na vida, voltava vasia á estancia solitaria onde elle entanto, contava ainda a melodia das terras amovaveis — o hymno dos campos — docemente embalado pela alegria viva da infancia.

Quando as aguas cessaram e os céos se abriram limpidos e benignos — Pierrot ficou só no mundo da sua mansarda... No mundo exiguo da sua janella — limitado, aos lados, por muros ennegrecidos e limosos; em frente, por entre a janella fechada; em baixo, num pateo frio, pela teia emmaranhada de silencio cordoeiro e, em cima, pelo céu, pela luz, pelo socego das noites estreladas.

Alli — repouso bemdicto das suas peregrinações a-travez da cidade imensa — Pierrot se fez homem, enquanto em baixo, o cordoeiro se fazia mais mudo e a janella, em frente mais fechada... Alli, quando Pierrot regressava, á noite, o céu estrelado se povoava das visões da sua ventura sonhada.

Já não se lembra mais em que dia, impellido outra vez pela chuva desabrida procurou, á hora quente da tarde, o seu abrigo solitario! Certo é que os muros estavam mais negros, que desaparecera o cordoeiro e o céu de chumbo ameaçava cahir... Certo é que a janella se abriu inesperadamente, que o seu peitoril floria e que Pierrot curioso ponde ver uma estancia igual á sua, velada apenas pela cortina da chuva que cahia pesadamente...

... Flores da janella que o fizeram procurar por tantas vezes a miseria da solitaria mansão!...

Nunca mais os céos se nublaram ameaçadores, nem os muros entristeceram as tardes luminosas, porque a janella outróra abandonada, res-

ARLEQUIM



plandecia emoldurando a cabeça loira e pensativ, de onde vinha um tímido olhar buscando o seu, enquanto em baixo se entrelaçavam os fios do cordoeiro silencioso.

Pierrot já se não sentia só de coração, e foi por isso que um seixo, atravessou o espaço, levando á janella florida a mensagem onde elle contava pela primeira vez a historia encantada dos seus amores primeiros. E quantos outros seixos atravessaram depois o mesmo espaço, repetindo as mesmas ternuras, as mesmas promessas e os primeiros queixumes...

Porque não lhe respondia aquella andorinha linda que poisara no seu beiral? Porque só vinha da janella resplandecente um tímido olhar interrogando o seu?

Ingenuo Pierrot, se soubesses como tremia aquella fina mão quando te devolvia nos teus seixos a repetição da tua historia, docemente decantada, suavemente suspirada, rescendendo á flores da janella!...

Pobre mão nervosa e incerta!

Triste Pierrot, guardarás para sempre a ignorancia daquellas phrases doces que eram tuas — rezadas para o céu dourado e que faziam levantar olhos humildes e tristonhos ao mysterioso cordoeiro!

... Chova, seixo derradeiro, aos pés da tímida Colombina, na eterna monodia, os ultimos protestos do incompreendido amor!... Pierrot já não canta, já não vê o céu... Como chove, vizinho cordoeiro!...

Quanto terias cantado, pobre sentimental, se ouvisses os soluços e se colhesses as lagrimas vertidas sobre os teus queixumes e pelos teus adeuses!... Como cantarias de novo o hymno das terras amovaveis — a melodia dos campos — se tivesses a ventura de tocar os teus labios na ardente resposta ás tuas duvidas inexplicaveis e nos juramentos singelos que fizeram baixar os olhos ao cordoeiro calado!...

.....
Como deixara Pierrot a velha agua furtada? Porque se fechara tambem a janella florida?

Dize-o, cordoeiro mudo, tu que ficaste no fundo escuro do pateo, guardando para sempre a historia truncada de um coração em dois!

A chuva estancou. O céu se abre em largos espaços azues. Do poente distante veem clarões de incendio.

A grande rua é invadida de todos os lados por centenas de carros guisalhantes, conduzindo ruidosos carnavalescos; serpentinas multicores riscam os ares e um perfume vago se evola... Accendem-se myriades de lampadas e o asphalto rebrilha florido.

Luzes, flores, perfumes, gritos, a vertigem do corso, o delirio recommença... passam pesadamente carros alegóricos; ranchos festivos e turbulentos enchem rapidos vehiculos... Inesperadamente a multidão irrompe em gríta estrepitosa de alegria e de applauso; o corso se abre em ala dando passagem a um carro arrebatado num turbilhão vertiginoso.

— As Colombinas! As Colombinas!

E o carro passou entre aclamações delirantes, levando Colombinas doidas a cantar, envoltas em serpentinas, com os braços estendidos, agarrando corações em chamma...

A . D E Q U E I R O Z

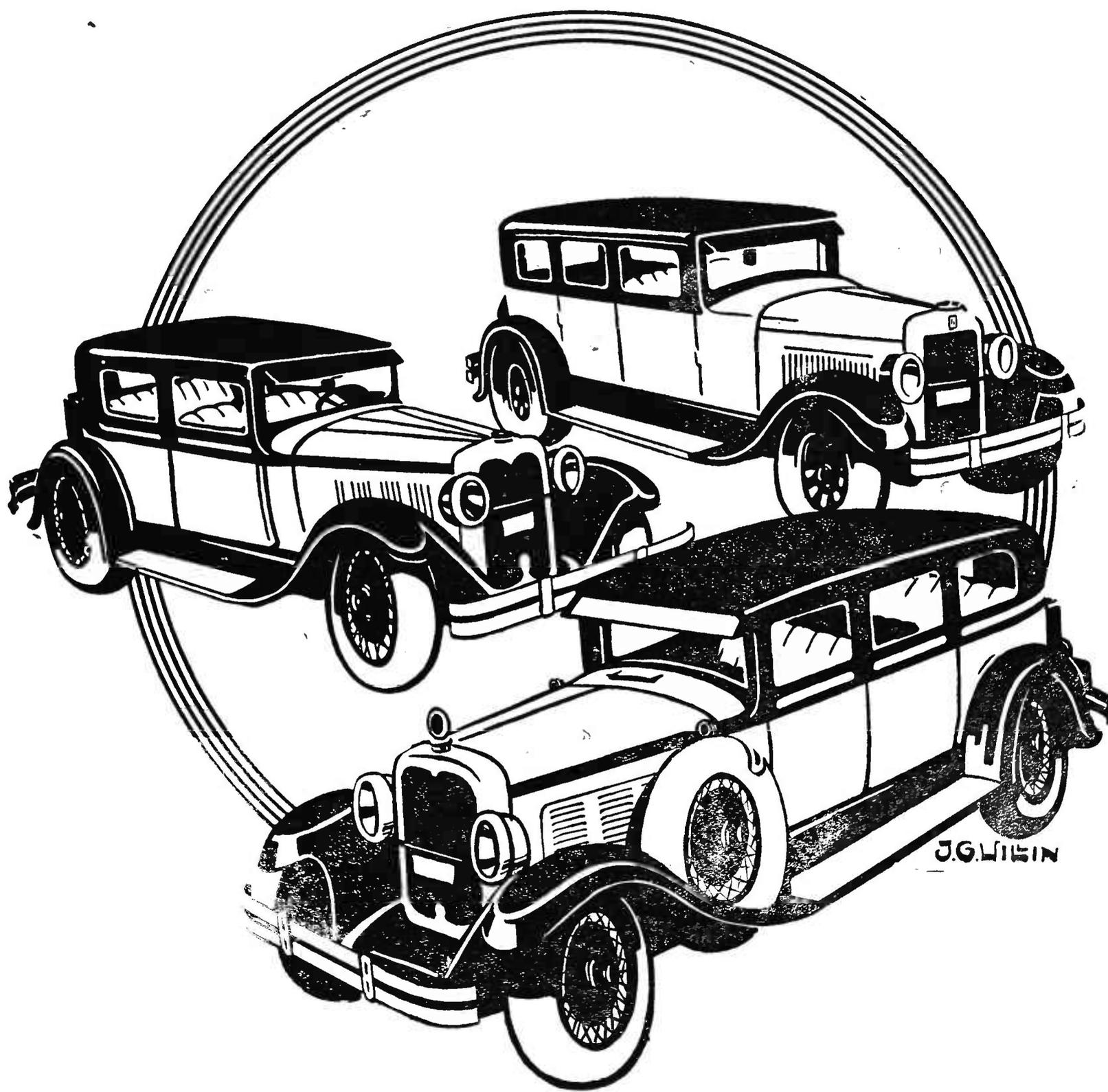


A melhor Cerveja

O melhor Guaraná

ARLEQUIM

DODGE BROTHERS



Antunes dos Santos & Cia.

Rua Barão de Itapetininga, 39 e 41

DESABAFO

Eu não sou um que se revolte facilmente com as injustiças cegas do acaso impiedoso e da sociedade irresponsável.

Antes tenho o espirito submisso, ordeiro e pacato como convém a um funcionario publico desde 1903.

Quero, entretanto, contar-lhes a historia veridica e triste do burro da Dona Rosa, que me peza na lingua e na consciencia.

Resido, ha longos annos, no mesmo bairro agitado e cosmopolita.

Os meus dias se succedem monotonos e felizes na pratica conscienciosa das normas moraes e civis que se impõem pela força da virtude.

A sympathia natural que me liga aos seres simples fez-me compadre e amigo de varias matronas italianas e portuguezas, residentes na vizinhança.

Creaturas que, de sól a sól, mourejam nos tanques de lavar a roupa alheia, e em outros misteres igualmente uteis e mal remunerados.

Matronas respeitaveis pelo elevado contingente de servidores que teem dado á Patria e venerandas pela dignidade com que supportam a sorte adversa.

Entre ellas sempre destaquei Dona Rosa dos Prazeres, minha fornecedora de ovos e gallinhas, ha um bom quarto de seculo, e esposa fiel do Senhor Francisco da Paixão — ambos de Portugal e das ilhas.

O caso é que Dona Rosa para facilidade do seu commercio adquiriu, ha tempos um burro de modesta apparencia e pessimos antecedentes que, aos corcóvos, arrasta numa carroça a Dona Rosa, o Senhor Francisco, os ovos e as gallinhas.

Hontem pararam os tres á porta de minha casa.

Dona Rosa tinha nos olhos inexpressivos e escuros uma agitação insolita.

E o Senhor Francisco dentro da mesma camisa com que o conheci, ha 22 annos, vestindo a mesma calça parda e ensebada de todos os dias, puzera uma ordem inconcebivel no tradicional emmaranhado da cabelleira poeirenta.

Algo acontecera de anormal e bizarro que a Dona Rosa foi contando, sem delongas, com a sua voz musicada e suave.

— “Pois é como lhe digo, meu Sinhoire...”

Hontem, á tarde eu mais o meu Chico fomos levoire ao Isplanada os obos de sempre. I antão elles me p'diram o vurrico p'ra r'pr'sentação”...

— “Elles quem, Dona Rosa?”

— “Os italianos do lyrico nat'ralmente! Antão eu mais o meu Chico lhes p'dimos 100\$000. Só nos deram 50, os malandros, e duas intradas no gallinheiro. A's sete hoiras lá chegamos com o vurro. Subimos uma infindade d'escadas e ficamos á 'speraire. Comiçou tan tarde a funcção que nos q'riamos ire si não fosse pl'o vurro.

Afinale beio a ripr'sentação de que não gostei mais o meu Chico. O qui era lindo de ver-se eram as mulheres nu'as qu'assistiam.

A canturia mesino nem por isso. Lá na minha terra...”

— “Então, Dona Rosa o burro da senhora representou na Martha de Flotow?”!...

— “Sim sinhoire e as inbeijosas lá do vairro estan a dizeire tales coisas que me queiro mudare”...

— “Não de attenção, Dona Rosa, inveja”.

— “Lá isso sei eu. Mas tantas dizem que lh'as parto um dia e pur isso me bou!

E é assim que a Dona Rosa tem que arrar com as multiplas despesas de uma mudanca por isso que o seu espirito progressista consentiu que uma alimaria de sua propriedade subisse ao palco do Municipal para figurar ao lado de Beniamino Gigli e Claudia Muzio.

Desgraçado paiz, o nosso.

MASCARA DE COLOMBINA

R e s s u r r e i ç ã o

A lampada azul punha sua côr illuminada, fundida pelo quebra-luz de seda creme, no quarto simples. Falava o silencio. Havia solitude, calma.

E eu, sentindo o meu passado morto, chorava...

Minha alma era um judas grotesco dos sabbados de alleluia...

... e os moleques da dôr esbrangalhavam-no...

... e faziam repicar o sino do meio dia das suas gargalhados vermelhas...

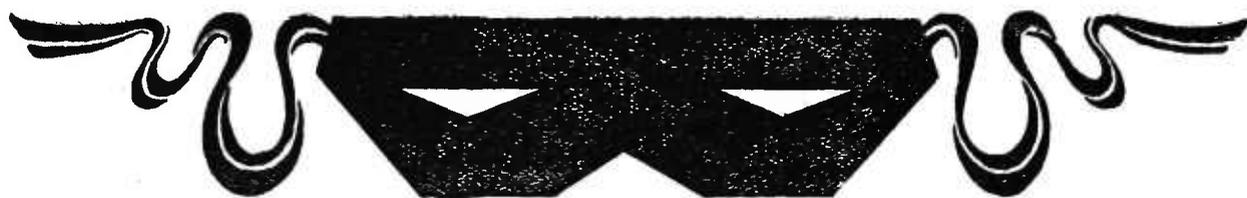
Alleluia! Alleluia!...

E os pedaços do do judas-polichinello voavam, esparsos, aos trapos, jogados átôa...

Alleluia! Alleluia!...

...
Aquelle passo de pomba mansa, aquelle quasi esvoaçar que o abafador mal deixa ouvir, é de alguém que não deve entristecer-se commigo. E' de alguém que deve encontrar-me alegre, rindo como o sol ri num dia de verão...

A l c i n d o G . M i r a n d a



C O N T R A S T E

Antigamente,
um cavalo de cabo de vassoura,
um istelingue,
um papagaio de papel de seda,
duzentos reis,
— era o bastante para eu ser feliz.

Anos depois,
uma casaca, um ismôque, uma cartola,
muito dinheiro,
um automovel fechado silencioso,
amantes lindas,
— achava eu pouco para ser feliz.

Hoje, querida,
desses sorrisos que sabes sorrir,
um teu sorriso,
ou dos teus olhos verdes silenciosos,
um só olhar,
— e eu me supônho o mais feliz mortal.

Corria, nas janellas de minha alma, a cortina risonha de uma esperança feliz. Amassei prazenteira-dolorosamente, os moleques que se divertiam espatifando o judas da minha alma...

Axphyxiei-os. Matei-os.

E gritei tambem:

Alleluia! Alleluia!...

E os passos esvoaçantes de pomba mansa, que o abafador quasi não deixova ouvir, pousaram-se os seios da esperança repicando o meio dia da minha fé...

Alleluia! Alleluia!

...
E desde então, fig ressurgir a minha velha guitarra morta. Dei-lhe novas cordos. Dourei-a toda com o meu sonho. Illuminei-a com o meu olhar, brilhante pela febre de vencer...

E venci...

E aprendi a sorrir...

E aprendi a viver...

Meia noite. Pela rua adormecida,
Envolta no manto de garôa,
Eu, pobre amante, andando atôa,
Canto uma canção sentida.

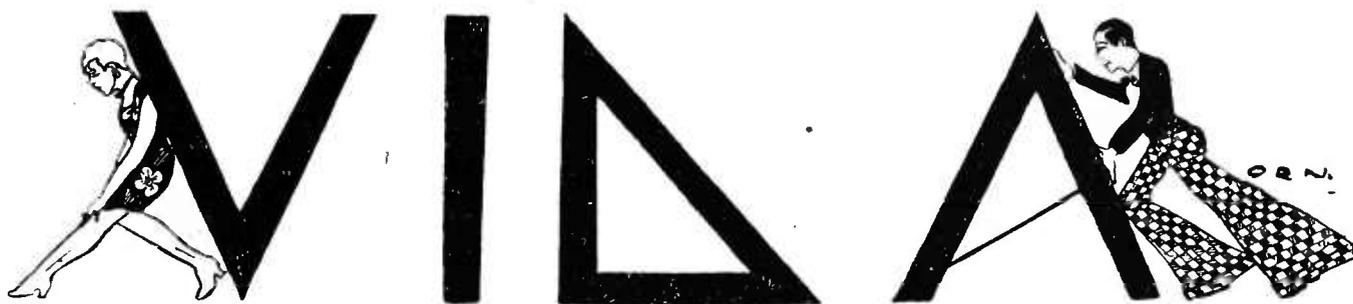
E' um hymno de amor, querida,
Que canto e o vento frio entôa,
Num melancholico tom, que resôa
Em minh'alma entristecida...

E pela rua, cambaleando,
Vou seguindo, minha amada,
Muito triste, assim pensando:

Que contraste nossos corações:
— O teu — uma região gellada,
O meu — quente como os vulcões.

N . N O B R E

ARLEQUIM



Lulú Rebouças,
o loiro e chic almofadinha
que é o “enfant-gaté” das moças,
sentado na baratinho,
tirava as luvas, calado,
temendo que de repente
algum monstro encapuzado
levasse a barata reluzente
que tanto dinheiro lhe custára.
Os automoveis, na terra da garôa,
às vezes criam azas,
— não é cousa rara...
— “Si o seu summisse, mais nem uma, “bôa”
ligaria a elle... E as casas de chá?...
Os cinemas?... As corridas!...
Não poderia dar carreiras!
Que horror! Não iria mais ás avenidas!
Nem Maria... Nem Leonor... Nem as Pereiras...
Que estragos!”

E pensando assim,
seus olhos meigos e vagos
deixaram as lagrimas correr pelo carmin
das faces.

Apagou o phoról de tom roxo.

Olhou a rua.

— “Home’ Chico!”

Entortou a bocca, num muchócho:

— “Ora, eu não saio. Eu fico aqui... Eu fico:

— Póde o automovel summir...”

E Lulú Rebouças,
o queridinho das moças,
poz-se no banco, a dormir.

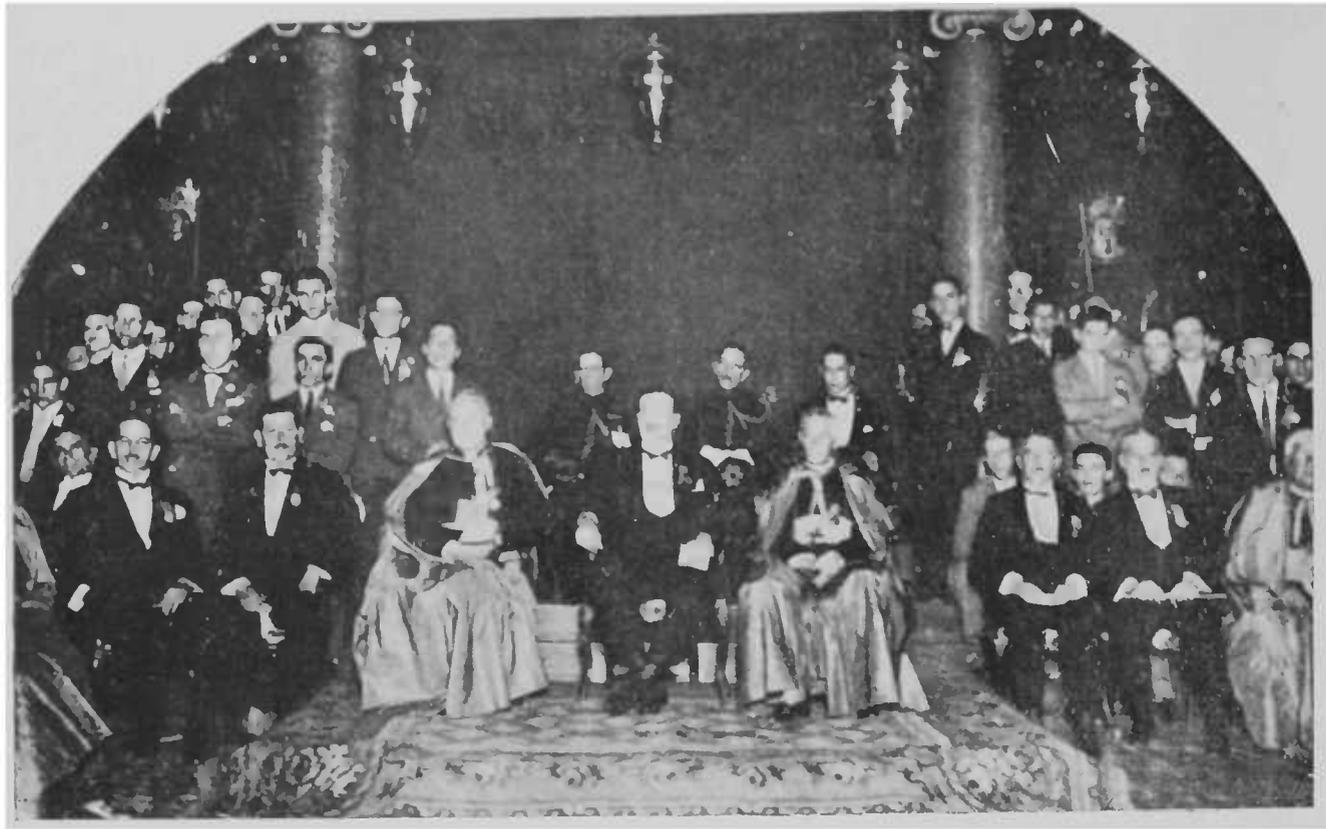
E sonhou: — “Um larapio havia vindo,
e achára o auto lindo, lindo...
... elle, varonil, pregou-lhe um tranco!
Depois, era aquella roupa de veludo,
calças largas, paletot debonudo...”

E acorda, num solavanco:

— Ladrões, haviam raptado
o carro, com Lulú e tudo!

P e d r o A n t o n i o





CONGRESSO DA MOCIDADE CATHOLICA

Reuniu-se, nesta Capital, de 9 a 16 de Setembro, um Congresso da Mocidade Catholica, que foi dos maiores acontecimentos do anno.

Promocido pelo Exm.^o Sr. Arcebispo Metropolitano, D. Duarte Leopoldo e Silva, o Congresso da Mocidade Catholica trouxe, até São Paulo, uma multidão de sacerdotes e crentes que vieram assistir as multiplas conferencias e cerimoniaes então realisadas.

Bispos de muitas Dioceses, conegos e vigarios, todos atenderam pressurosos ao convite que daqui lhes era dirigido.

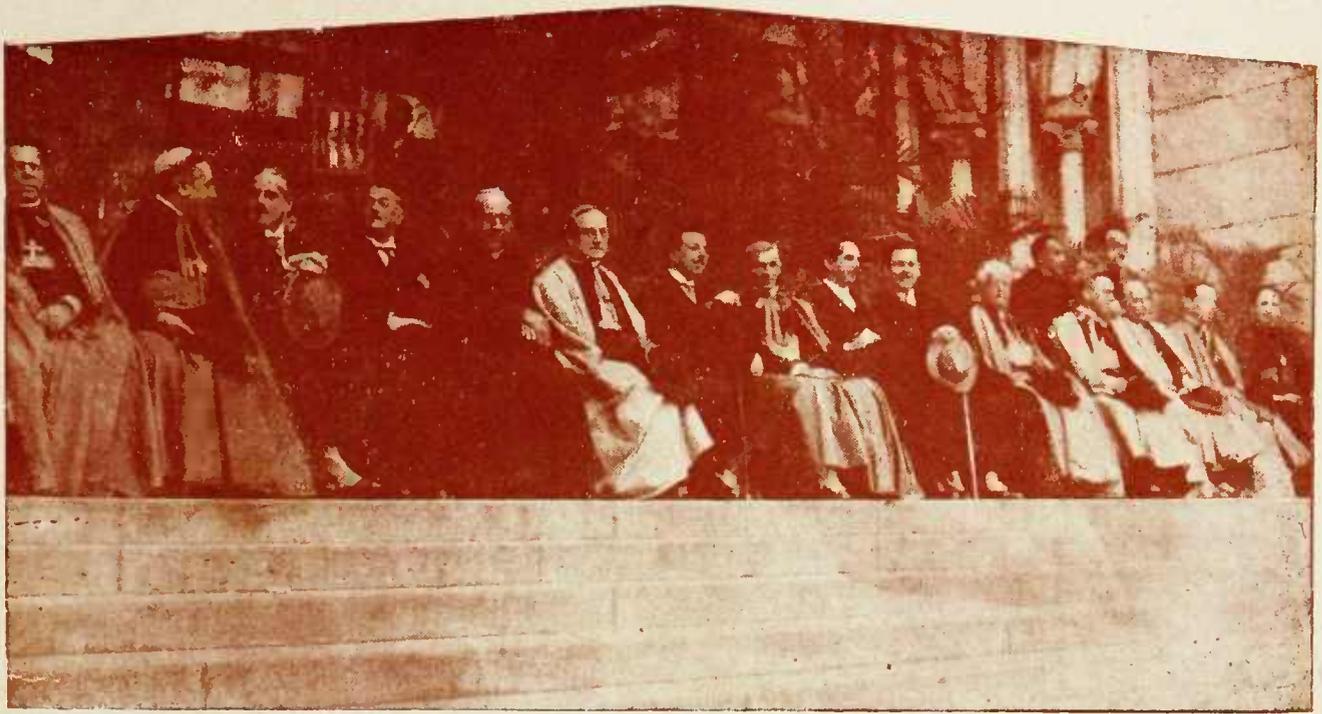
O Congresso veio provar cabalmente que o brasileiro ainda é o mesmo bom catholico de todos os tempos, a despeito da propaganda intensa de novos credos religiosos. Aqui vão quatro aspectos da imponente manifestação.

Em cima: almoço oferecido aos representantes dos Estados.



*Ao lado:
Missa
na Igreja
Abacial
de
São Bento.*

ARLEQUIM



Estas duas photographias nos mostram a Praça da Sé durante a apothese que encerrou o Congresso. Ella foi, dos festejos, um dos mais impressionantes. Alguns milhares de pessoas percorreram as principaes

ruas da cidade entôando cantos religiosos e finalmente pararam na praça em que se ergue a nossa magestosa Cathedral, onde teve lugar a cerimonia de encerramento. Assistiram-na as autoridades civis e ecclesiasticas.



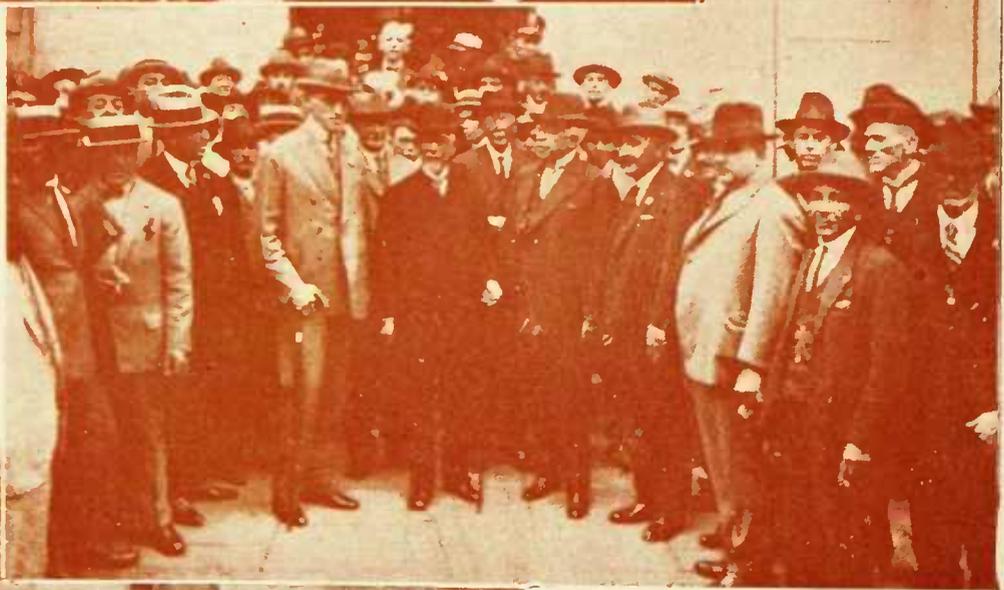
ARLEQUIM

Aspectos da convenção realizada pelo Partido Republicano Paulista para a escolha dos novos membros da sua Comissão Directora. Foram eleitos por aclamação, os Drs. Sylvio de Campos, deputado federal; Manuel Villabonim, "leader" da bancada paulista na Camara Federal e Arthur Withacker.

labonim, "leader" da bancada paulista na Camara Federal e Arthur Withacker.



*Acima:
Vista da sala
do Congresso Estadual
onde se reuniu
a Convenção.
Ao lado:
A saída dos senadores.*



*deputados
e mais políticos
presentes á cerimonia.
Em baixo:
O povo que se agglomerava
na rua.*

ARLEQUIM

*São Paulo,
no Dia da Rosa,
viu nas suas ruas,
um mundo de creaturas
cujas mãos delicadas e caridosas*

*estavam cheias de flores
que ellas fizeram o milagre
de converter em dinheiro
para os tuberculosos
do nosso Estado.*



D I A D A R O S A

*Aqui ficam
algumas vistas
que
"Arlequin"
obteve
das genãs
"vendeuses"
de rosas.*



ARLEQUIM

P A P E I S V E L H O S

R E P U C H O S



Cinco senhoritas da melhor sociedade, surpreendidas pelo nosso photographo numa das ruas centrais.

Que tristeza na ansia dos repuxos que choram em surdina!

Vicem repartindo aos lyrios e ás rosas o canto-chão de sua angustia.

Desabajam, soluçando, a ambição de altear que suas aguas embalam.

Os repuxos são os trovadores sentimentaes dos jardins floridos...

M. C.

P A L H A Ç O

Palhaço não tem historia. Jogado, pelas mãos do destino, á arena do circo, põe-se a desafiar, em gargalhadas sonoras, a teia escura de sua vida errante.

— Onde modelaste teu sonho, Pierrot galante das feiras?

— Vamos, mais uma galhofa! Cansado? Palhaço não pôde cansar. Vamos, mais uma pilheria! Bella profissão a tua: disfarçar as maguas da gente...

Espíodem applausos. Chovem sarcasmos. E o palhaço ri perdidamente.

Todas as historias são repassadas de amargura. Eis porque a tua não existe, ó caricatura ambulante da alegria.

M A N O E L C A S A S A N T A

*Um senhor
que voltava para casa,
cheio de jornaes e cansaço,
pagando o seu tributo
á caridade das paulistanas.*





*Na Cachoeira
do Marimbondo,
onde se
inaugurou
ha dias
a Usina
Hydro-Elctrica
Icem.
Para lá
seguiram,
dada a
importancia do
acontecimento,
o Exmo Sr.
Presidente
do Estado,
Secretarios
do Estado,
o Dr. Pires
do Rio,
Prefeito*



*da Capital,
deputados,
senadores,
representantes
da imprensa
e varias pessoas
gradas
da nossa
sociedade.
"Arlequim"
mostra
alguns aspectos
nestas suas
paginas
do que foi
aquella
manifestação
de tanta
utilidade
para o
nosso Estado.*

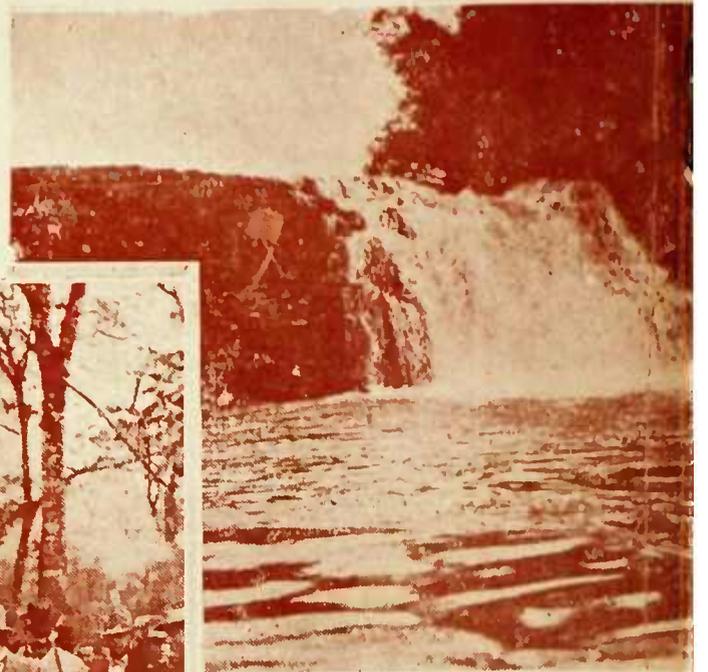
ARLEQUIM

A Companhia Central Eléctrica de Irem é o resultado da incorporação das seguintes empresas: Companhia Força e Luz de Jaboticabal; Empresa Orlon, de Barretos; Empresa de Electricidade de Rio Preto e Companhia de Electricidade de Taquaritinga.

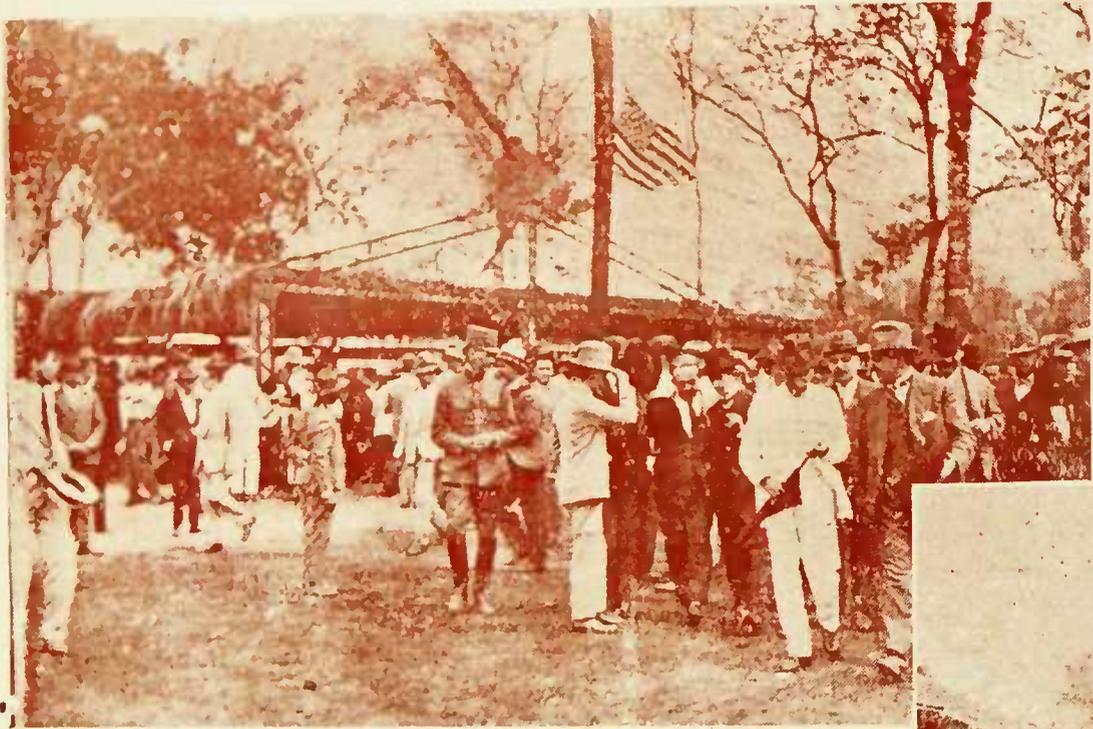
A Companhia Central comprou nos proprietários da cachoeira do Marimbondo, o direito de captação de 40 mil H. P.

Os primeiros directores da empresa foram os drs. Armando de Salles Oliveira e Alfredo Braga, que projectaram a abertura de um canal de 530 metros x 25 x 1, com capacidade para 20 mil H. P. e uma usina para 10 mil H. P., em duas unidades de 5 mil cavallos cada uma, com gerador de eixo vertical, fornecido pela General Electric, cuja usina é de estilo moderníssimo. As turbinas são de fabricação da firma norte-americana I. P. Morris, sendo tudo de sucção do tipo Mandy, talvez o primeiro empregado no Brasil.

Além destas obras, a Companhia construiu mais 130 kilometros de linhas de 60 mil volts, ligando sua usina as redes das diversas empresas do Estado. Essa ligação foi feita nas cidades de Olympia e de Monte Alto. Mais tarde, as quatro companhias acima citadas, a Irem e mais as companhias Paulista de Força e Luz, que serve Bo-



Vista dos Patos



Depois do almoço de 420 talheres oferecido á comitiva e convidados.



Residencia de operarios.



O Dr. Julio Prestes e sua comitiva ás margens do Ferrador.

ARLEQUIM

tucaú, suas vizinhanças e toda a Noroeste, a Empresa Força e Luz de Januá, a Empresa de Araraquara e a de Ribeirão Preto ficaram todas controladas pela S A Empresas Electricas Brasileiras (controladas unicamente, porque cada uma tem a sua administração própria).

Por esse controle, a usina do Marimbondo poderá mandar a energia que produzir ao Tim da Noroeste, sendo de notar a interligação de todas as usinas dessa zona, de maneira que cada uma dellas poderá ser socorrida por qualquer das controladas pela S. A. E. E. B. em caso de necessidade.

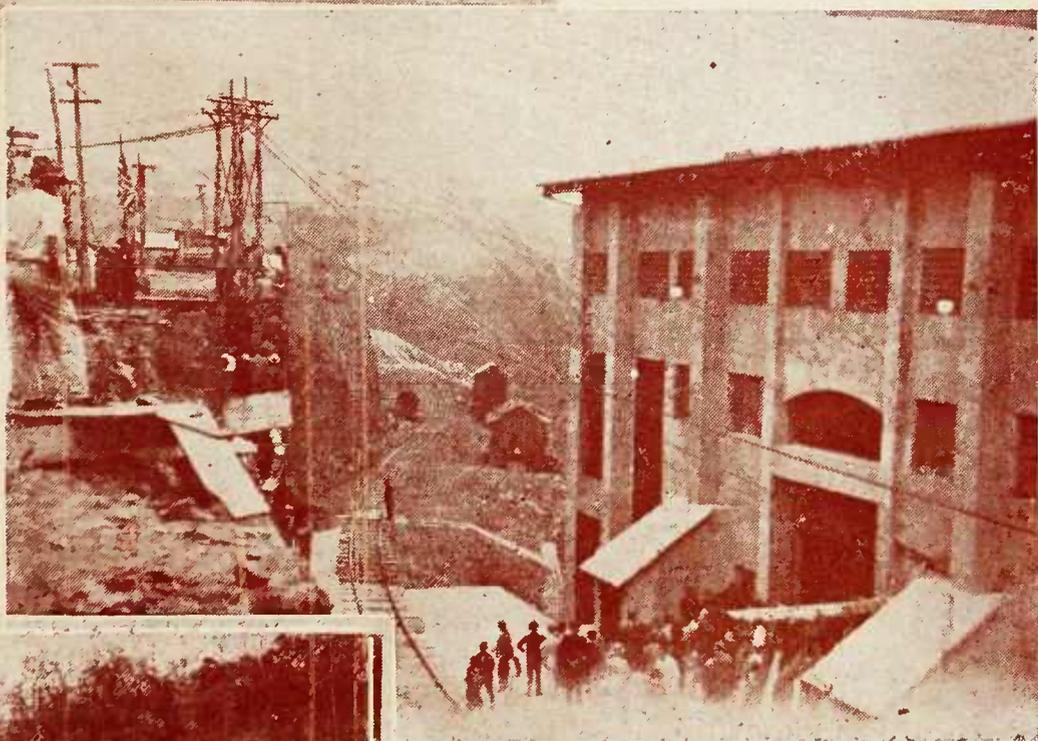
Esta sociedade anonyma tem sob o seu controle 67 municipios, com um territorio de 100.000 kilometros quadrados. A somma da energia de todas as empresas controladas é de 50.000 H. P., e o consumo maximo verificado é de 35.000 H. P., havendo pois um "superavit" de 15.000 H. P.

Esse grande melhoramento, que se inaugurou ha dias, é de real importancia para o Estado de S. Paulo, em vista dos seus resultados benéficos. A sua acção e capacidade de desenvolvimento é perfeitamente comparavel a da Light & Power.

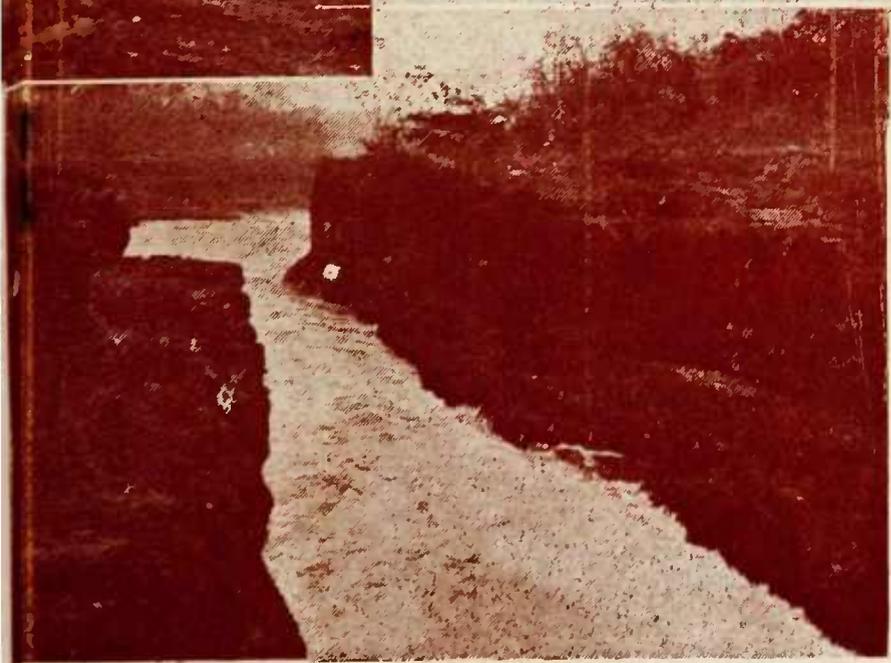
(Do "Estado de S. Paulo" de 19 de corrente).



P
A
T
O
S



Uma das fachadas da Usina.



O trecho mais curioso do empolgante Ferrador. Aqui elle tem 17 metros, quando, acima dos Patos, attinge a 2.000 !!

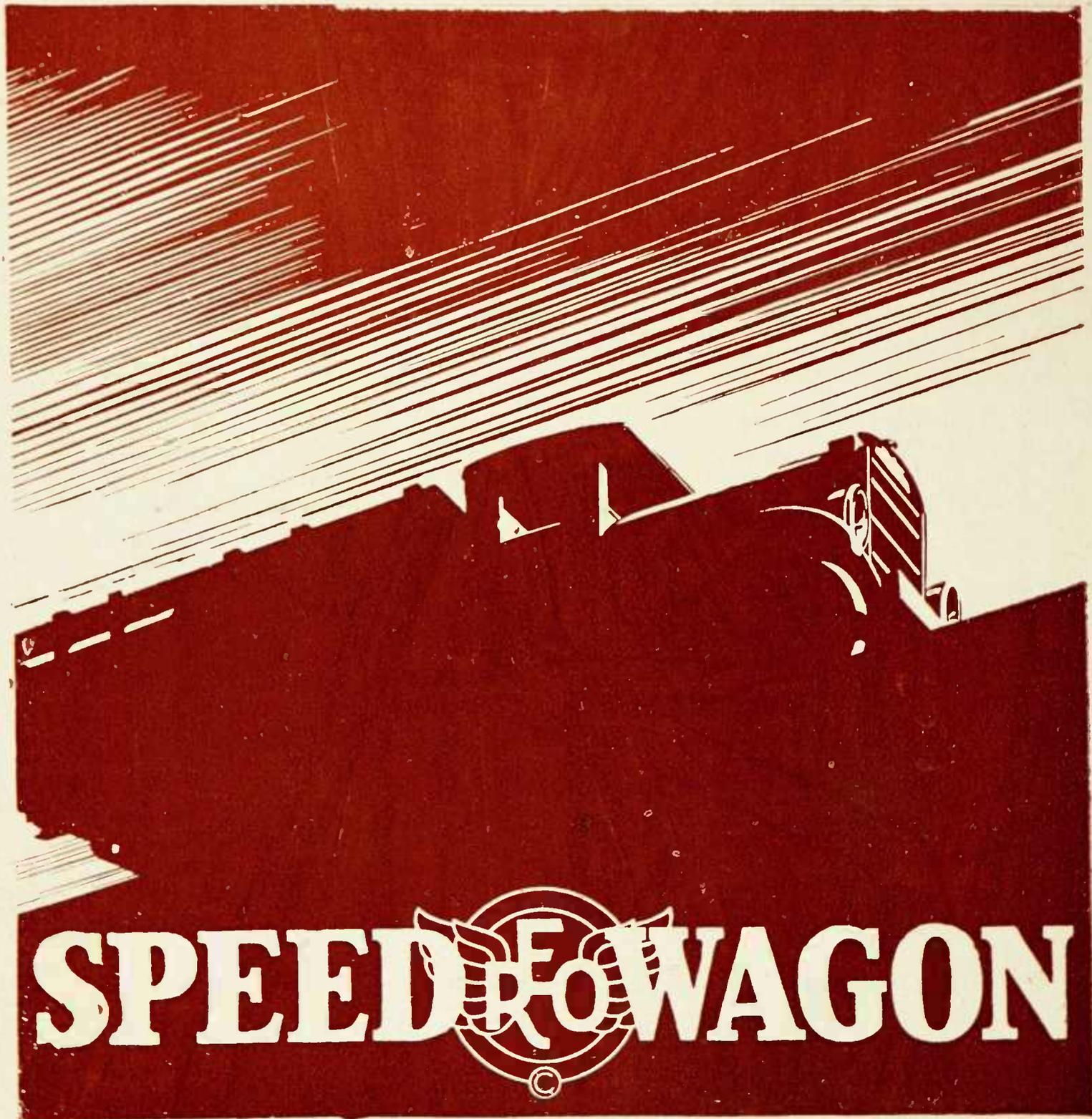
ARLEQUIM

REO

Flyingcloud

Speedwagon

Wolverine



AGENTES :

V. Assumpção & Lara Ltda.

Rua 24 de Maio N. 21

S. PAULO

ARLEQUIM

Ainda o dia da "Rosa"...



...E ninguém escapou...

Em cima,
dois cidadãos
sorrindo
para a assaltante.
Ao lado,
uma senhorita
sorrindo



para o... assaltado...
Em baixo,
um grillo,
não se sabe porque,
fiscalisa uma venda...
ou cousa que valha.

C i n e m a

Aquella tarde cheia de garôa
você estava tão sem assumpto.
Disse tantas banalidades, cousas
tão sem interesse...

E depois, começou a fazer per-
guntas, também tão futeis, tão
bauaes...

"Você gosta de cinema?"
Não sei porque, aquella pergun-
tazinha simples me interessou mais
do que as outras.

Se eu gosto de cinema?
Como é que não havia de gos-
tar? O cinema é a vida...

Este mundo é tão parecido com
um cinema... Um cinema grande,
onde os "astros", as "estrelas" (e
também os simples "extras...")
somos nós todos.

Temos até um director de scena,
que ninguém vê mas todo o mundo
percebe, a distribuir os nossos pa-
peis, a dirigir o nosso trabalho...

Apenas o cinema em que vive-
mos differe dos outros numa
cousa...

Nesses cinemas que a gente vê
por ahí, as historias são sempre
bonitas, acabam sempre tão bem...

E na vida real (o nosso cinema
grande...), as historias nem sem-
pre são bonitas, a maior parte das
vezes acabam tão mal...

N e l s o n
d e L a r a
C r u z



"POCKER DI DONNE"

d e

L i n a T e r z i

"O Estado de S. Paulo" publicou, em sua ultima chronica bibliographica de Sud Mennucci, a seguinte apreciação sobre "Pocker di Donne", o bello livro da festejada escriptora Dona Lina Terzi, uma das melhores collectaneas de contos apparecidas ultimamente:

"E agora, mudonça completa de rumo. Até aqui falou o coração, transbordando de sentimentos e de sonhos de grandeza humana. Dentro das possibilidades da especie, feita do barro biblico, a fuga para o azul.

E' a voz agora do scepticismo, de analyse subjectiva, a procurar os pontos falsos de todo idealismo. E' o turno do sorriso zombateiro e incredulo, mas que apparece sempre apparentemente bonanchão e risonho, mesmo quando os labios articulam pacificamente coisas amargas ou de paladar desagradavel ou mesmo quando os dentes, brancos e candidos, parecem manifestar a má intenção de se enterrarem na carne do proximo.

E' desse feitio o livro da senhora Lina Terzi, autora de obras anteriores, publicadas na Italia e que hoje nos apresenta o seu "Pocker di Donne", collectanea de contos.

Dona Lina Terzi gosta, á maneira anatolana, de pôr no avesso aquelles pequenos episodios quotidianos banalissimos que o vulgo se compraz em romancear ou em romantisar para ter com que enfeitar ou desenfeitar a tristeza norma e sombria da existencia.

Ha nesse genero, alguns especimens bem apanhados e felizes: "Il paravento della verginità", "Il pijama viola", "Il ritorno". Aliás, não é de estranhar que os melhores trabalhos do volume sejam justamente aquelles em que a narradora põe as coisas ao carmaz da apresentação habitual e consuetudinaria. Está isso implicito quasi na forma antithetica em que vasa a sua observação normal, produzindo piadas que são de uma perversidade intencional visivel.

Eis, por exemplo, a sua definição de amigo, no fecho do volume:

"Dico amici, inquantoché, noi esseri ragionevoli, usiamo distinguere col nome di amici, coloro che per una ragione qualsiasi, in un momento qualunque, ci tornano opportunamente utili".

Ou então este elogio da sovinnice:

"Aristide Pancaldi era un unomo economico. Del resto il suo stipendio di cinquecento lire mensili, non gli avrebbero permesso la rinuncio a quella virtù così casuale in chi, come Aristide Pancaldi, deve limitare l'uso del denaro alle proprie dispinibilità. Ho conosciuto, é ben vero, anche dei veri, degli autentici economici, che poi il mendo, per pura ragione d'invidia, classifica di avari. Un fortunatissimo mortale, a cui un giorno feci notare che usava una cravatta rotta, si giustificò dicendo che se anche ne avesse comperata una (certamente nuova), dopo qualche tempo sarebbe stata nelle identiche condizioni dell'altra — e concluse che era, meglio economizzare".

O amor não lhe merece melhor tratamento, nem parece encontrar na mulher nenhuma daquellas qualidades de paixão fervente desinteressada que os homens, e os poetas — raça evidentemente aparte na sociedade — costumam glozar em grossos in-folios e pesados manuscritos.

E' Carla, do conto "L'erede n. 13", que diz ao seu apaixonado Sergio, quando este lhe propõe o seu amor eterno:

"Pensate che sollevo se foste un pó piú rapido! Potrei conservare dei ricordi... ed é così dolce ricordare... Invece se dovessi essere amota da voi per tutta la vita, come potrei ricordare? Il primo bacio... l'estasi del primo abbandono... un fiore profumato, testimone della nostra profumata pagina passionale... Ricordare col pen-

ARLEQUIM

siero, col cuore, con l'anima a quegli attimi così intensi, così luminosi, alla inebriante ebbrezza del nostro amore. Ah! Sergio, Sergio! Perché dicendo d'amarmi per tutta la vita, non mi avete assicurata che la vostra vita é breve?"

E o quadro não ficaria perfeito se se não accrescettesse a opinião que Gianna Talmisi, do "L'appuntamento", tinha de si mesma:

"L'amore ha paura di me. Fino ad oggi, la corte invariabile che mi é offerta da tutti gli uomini innamorati di me, riesce ad essermi supportabile, in quanto io amo troppo me stessa e mi riuscirebbe impossibile tributarmi da sola tutta la venerazione che mi é dovuta".

Poderiam parecer afaleadas demais essa "boutades" na bocca de uma mulher, que com toda a probabilidade também amou, se a gente não tivesse certeza certa de que ellas abroham através de intimas desillusões que a vida reserva, dia a dia, aos pobres mortaes.

E, por isso, quando encontram o espirito que as examina a frio, sem lagrimas, sem recriminações e sem lamurias, fazem desse cunho marcado de sátira e de caricatura a unica forma de harmonizar as rebeldias do intellecto enjoado das miserias terrenas com as imperiosas necessidades biologicas da vida animal. Não ha ridiculo algum que se sobreponha, senão excepcionalmente, á ansia de viver. Dissera-o o grande Raymundo, naquella citava celebres:

"Viver! Eu sei que a alma chora
E o vida é só dôr ingrata,
Pranto, que a não allivia,
Olhos, que o estão a verter...
Soffra o coração, embora!
Soffra! Mas viva! Mas bata
Cheio, ao menos, da alegrio
De viver, de viver!"

Vae o leitor apressado concluir que o riso de d. Lina Terzi é o estadio consequente ao soffrimento anterior. Essa these eu já a sustentei, num livro meu, para todos os humoristas. E se quizer, na autoro de hoje, a auto-confissão, que a confirma, lá está a pag. 14, no conto inicial de "Arlecchinetta":

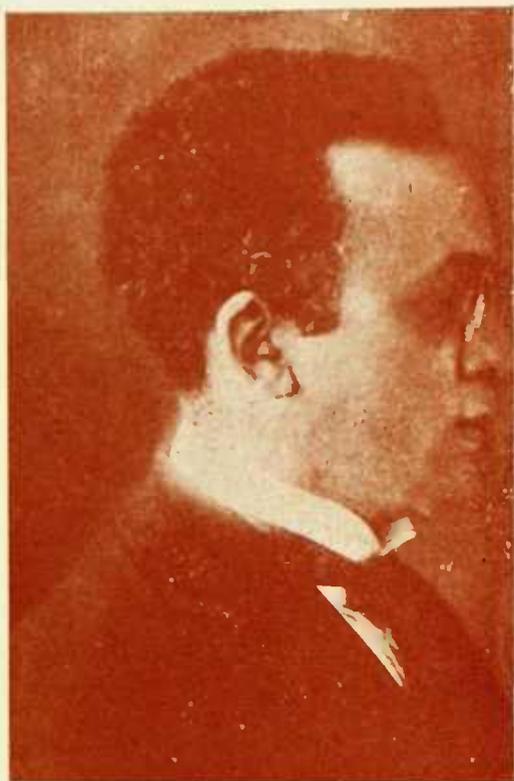
"Una ragazza a quindici anni é sempre indiscutibilmente bella, ha ancora quella dose di ingenuità che le consente di lasciarsi imbambolare da un uomo, anche dal meno scaltro, anche da piú idiota, fino a regalargli qualche figlio testimone dell'amore. Una donna a quindici anni é ancora shet etshao etnu shao nuetsh oinu haomsch raonu sino) piena di fede, esperanzosa e sognante: tre requisiti questi che possono, senza molta fatica, avere ragione sulla molleggiante sensibilità maschile".



No
Conservatorio Dramatico
e Musical.
Grupo
dos que
tomaram parte
no ultimo festival
alli organizado.

Educação dos retardados

Um especialista
na matéria



Toda a gente está cansada de saber que a respeito de educação e aproveitamento das crianças anormaes, principalmente das mentalmente retardadas, São Paulo só pode apresentar dados negativos. Não ha nada da quasi nada em nossa terra nesse capitulo. Officialmente, então, a falta de institutos desse genero é completa e total. Não temos nem sequer uma escola para surdos-mudos, nem mesmo para cegos. E chegamos ao ponto de não cumprir duas leis existentes creando colonias de ferias e escolas para debéis e para anormaes, negando-nos a atacar o problema em 1917, quando surgiu a primeira lei e mantendo-nos nessa attitude ainda dez annos depois.

Entretanto, os numerosos casos de crianças de desenvolvimento irregular, filhos de familias que têm elementos para dar-lhes uma educação adequada, autorizaram o apparecimento de alguns professores que se especializaram no assumpto e que fizeram do magisterio um dos mais dolorosos sacerdocios.

"Arlequim" apresenta aos seus leitores um desses apóstolos: o professor campineiro Norberto de Souza Pinto, que na prospera cidade paulista de ha longos annos se entrega ao trabalho de readaptação das crianças anormaes ao meio social em que têm de viver, tendo conseguido victorias que, em outras plagas, meos ignorantes das difficuldades e das responsabilidades do mister, lhe haveriam grangeado grande nomeada.

Entre outros, merece menção o caso de Mario Chaves, menino cego de cuja educação cuidou o prof. Norberto Souza Pinto e que conseguiu fazer d'elle, alem de um moço sufficientemente culto, um musico e um habil dactilographo. É um resultado esse que diz bem alto da intelligencia, da competencia e da capacidade de esforço do mestre, que se entusiasma e se apaixona pela sua obra.

O prof. Norberto de Souza Pinto, que é tambem autor do livro "A infancia retardataria", ensaios de orthophrenia muito bem recebidos pela critica, pretende mudar, agora, a sua escola para a nossa capital. É como se nos afigura essa uma noticia auspiciosa que deve interessar a um grande numero de familias, apressamo-nos a cooperar em que se divulgue, certo de que apresentando aos nossos leitores o illustre prof. Norberto Souza Pinto estamos prestando um serviço inestimavel á infancia mentalmente anormal de São Paulo.

M

Duas mãos longas,
finas, nervosas,
na sua virtuosidade expressional
traduzem tudo o que te vae no coração.

Em todos os seus gestos,
nos de affago e blandicia,
ou nas pequenas crispações de impaciencia
e cólera,
as tuas mãos resumem sempre
as *nuances* da tua alma. . .

Mãos que foram feitas para a caricia,
o perdão,
e ainda para o desprezo. . .

Ã

O

que sabem a linguagem do amor
e talvez a do odio. . .

Mãos brancas e fidalgas,
em que ha nobresa e raça. . .

Quando te espreguiças,
como uma gata sensual,
ellas falam, hystericas,
com o movimento serpentino dos teus braços,
que tambem têm vida
e são como
as antenas vibrantes
da tua sensibilidade. . .

S



CONVENIO DO CAFÉ

Realizado pelo Instituto de Defesa d'esse producto da nossa agricultura reuniu-se, nesta Capital, mais um convenio que, como os anteriores effectuados e talvez mais ainda, obteve absoluto exito com elle muito se fazendo pela economia nacional.





Retiro
dos
Sacerdo-
tes

O F E R R E I R O

Encostada á janella, fico, ás vezes,
por largo espaço, olhando a ferraria,
que fica em frente do meu quarto.
O ferreiro que lucha sem descanso,
é vigoroso como um touro,
e alegre como um sino repicando!

Quando, em compasso, o malho bate, bate,
e arranca gritos da bigorna,
a ferraria toda se constella
de pririlampos rapidos, que bailam
em torno á fronte do ferreiro,
como um diadema original de fogo.

A' cada golpe rijo que retine,
e repercute e se prolonga,
os aços rubros como brazas, soltam
phrases metallicas que são soluços
que os maus ouvidos não decifram,
mas que o ferreiro com certeza entende!

Quando, com mais violencia, o malho desce
sobre a bigorna,
por um momento, ás vezes, cerro os olhos,
e me supponho, então, numa floresta,
cheia de gritos, onde as arapongas,
são martellos de penna martellando
na bigorna da tarde que agonisa...

P A U L O C O R R Ê A L O P E S

Quando se
lançou a
pedra fun-
damental



ARLEQUIM

A
G
U
A
C
O
R
R
E
N
T
E

I P O E M A
D E
J O R G E D E L I M A

Água, a sua sina é de retirante:
Andar, correr pelo mundo
como judeu errante.

Vae morrer você aos poucos,
todo o dia um bocadinho!

Aqui está o açude.
Aqui está a barragem.
Aqui está a cadeia.

Água de açude, água triste, vae
se cobrindo de verde para se enganar com a esperança.

Não foi nada, minha nêgra!
Foi a sede do sertão.

A gente bate na água, retira o verde de cima.
Lá em baixo você tão fria sem fala, como defunta.
Água de açude, água funda, você era cantadeira...

Passa o sol você se esquentar, no sol.
Passa a lua você olha a lua,
olha tudo devagar como que
está na prisão.

água de açude, água presa,
bico fechado e olho aberto,
morre dentro da galola
Você é como lavadeira:
água triste do sertão!

Não foi nada minha negra, foi a sede do sertão!

O PRIMEIRO CONCURSO DE "ARLEQUIM"

Está quasi terminado este primeiro concurso de amor, aberto, um dia, pelo bonequinho e que tanto e tão grande interesse conseguiu despertar. Restam-nos, ainda, na gazeta, esperando, algumas dezenas de cartas, que serão, pouco a pouco, dadas á publicidade. Depois, Maria Luiza Paturau Nielsen de Oliveira, Amadeu Amaral, Cleomenes Campos e Amadeu de Queiros, — ficou assim definitivamente organizada a commissão julgadora — dirão de todas qual a mais bonita. E o seu autor ou antora receberá um premio que lhe lembrará sempre que elle foi, entre tantos, o que melhor soube exprimir o seu amor. E isto é tão difficil...



HELENA

Teus olhos promettem tanto, falam tanto esses teus olhos, que, franqueza, mais parecem com solerte corrector... Não sei qual modo buscar para dar uma evasiva que faça ao menos demora de aceitar o que offerecem, de pensar um dia mais no negocio que propoem com tal arte e seducção...

Porque estou certo, querida, que muito tempo não posso resistir ao teu olhar... São raios de luz tão forte, teem fluidos tão magneticos, que, coptiva, sem remedio, minha alma se submete... como as flores aos perfumes, como a terra á luz do sol, como o sol ás leis de Deus.

Está dito tudo? Não sei. Quem sabe lá o que pensam as aves de seu trinar, a lua de seu fulgor, as estrellas rutilantes, a terra de flores cheia?... A minha alma como a terra, como as flores, como as aves, vive da luz de teus olhos, dos gorgeios da tua bocca, do rutilar de tuas phrases, do fulgor de tua paixão! Não discerne e não discute. E' apenas tua: só tua.

Foze della o que quizeres, corrector ou correctora de negocios delicados. Se fosses vender cereaes, café, matte ou gaiabada, com certeza que farias uma fortuna de Creso... Porque á primeira desculpa, de um freguez mais precavido, soltarias dos teus olhos um raio dos mais modestos e a bolsa se abriria e a compra seria feita e o cafe-sista aceitava cebolas por atacado, o ceboleiro café, o cerealista goiabas...

Os teus olhos falam tanto, tanta cousa elles promettem, que, desculpa, meu amor, parecem mesmo, em verdade, um solerte corrector.

Do teu

HORACIO

MEU AMOR

Estou longe, muito longe de ti e tenho saudades. Uma saudade profunda e triste, a dar sombra de chorão, na agua quieta de meu olhar. Penso em ti e a minh'alma não supporta a luminosidade risonha deste domingo de Abril.

Levanto-me e fecho a janella. Tranco assim o caminho, áquelle alegre raio de sol, que, buliçoso e claro, vinha doirar os moveis de meu quartinho roseo. Lá fóra está um céu doidamente azul. Uma aragem fresca, muito fresca e muito meiga, acaricia mansamente a folhagem das arvores do jardim. Ella penetra pela fresta da janella, estremece a cortina e faz dansar um bailado lento os cachos louros de meus cabellos. Minha boa e fresca aragem que vens de longe, tu tambem o acariciaste em tua passagem?! Então brinca mais, brinca bastante, com os cachos louros de meu cabelo, oh! minha gentil e branda aragem!...



ARLEQUIM

... Mas a belleza desta manhã de Abril, não me deu alegria! Trouxe-me uma luz melancolica de saudade para olhar de meus olhos castanhos...

E' porque eu te quizera aqui, pertinho de mim, a affagar minh'ama com a luz do teu olhar azul, a aquecer meu coração, na caricia macia de teu affecto! Eu te quizera aqui, meu doce amor, a receber commigo o beijo terno da aragem perfumada pelas flores do jardim... Eu te quizera aqui, querido de minh'alma, ao alcance de meu olhar, para que elle se illuminasse e meu amor se expandisse e te envolvesse, assim como os travesos raios do nosso sol amigo, aquecem e illuminam as manhãs de Abril!

Como eu seria feliz! E que festa commovida e alegre em meu coração todo teu! Que pulsar apressado e que vibração intensa, em toda a tua pequena amiga! E o seu olhar a sorrir, falar-te-ia de mil cousas, no atropello de suas impressões!

Meu amor!... Meu querido amor! Que importa brilhe o sol, que importa o azul do céu scinbeijem nas corollas abertas aos cysanthemos! Tu está longe, meu querido e meu coração é triste. O meu sol, o meu sol de verão, hoje não se tille, diaphano e suave e casaes de borboletas se levantará para mim!

O meu amor, o meu grande, muito forte e muito terno amor, te envia a

D.

DENTRO DA TEMPESTADE

E elle scismou. Rosa. Cocaina. Perfume. Mulher...

A mulher é o ser mais divino que Deus, num dia de muito sonho, vendo coisas bonitas galoparem no galope sereno de resgas esgarçadas de nuvens azues, deixou cahir, feita de sonho, sem se machucar, do céu á terra. E Deus sonhava. E Adão dormia: sonhando um sonho branco... Branco como cocaina. A mulher veio para perfumar a vida do homem, como as flores perfumam a terra, como as estrellas "perfumam" o céu.

Elle scismava...

Rosa. A sua Rosa fugira com outro homem; e, antes de fugir, lhe escrevera uma carta vasta e triste, que ella, nervosa, a chorar, rasgara cinco vezes e cinco vezes escrevera. Aquella carta ainda trazia a mancha triste de suas lagrimas quentes. Ella fugira sem recuar, sem tremer. Escrevera-lhe apenas, a chorar, uma carta, onde a intelligencia da mulher brilhava como um grande sól. "Eu não pude resistir: outras, infelizes como eu, resistem, mentem, enganam, enxovalham o lar. Eu não pude resistir e não pude enganar-te"...

Lembrou-se do tempo de sua mocidade, do tempo em que a conhecera. A graça, que enlouquece, de um beijo de duas almas, levou-o ao altar. Casou-se. Lembrou-se do ser-

mão do padre, bom e velho, fallando dentro do silencio vasto da igreja.

— Que fosse sempre bom para ella!

E elle nunca fôra mau: suas palavras eram caricias, que lhe sahiam, cantando, da bocca: suas caricias eram beijos perfumados com o perfume de todas as primaveras.

— Que sempre a amparasse!

E elle nunca abandonara. Trabalhára para ella. Fora escravo della e do trabalho.

E elle scismava.

Um dia, achou-lhe um sabor esquisito no beijo frio. Teve a sensação dolorosa e vasta e profunda de que ella já não o amava mais. Sofreu, calado. Foi-se resignando pouco a pouco. E, uma noite, ao voltar para casa, pensou que ella, louca, perdida, poderia fugir com o seu novo amor, olhos cheios de esperança, uma tremura intensa no seio.

Correu.

Ella fugira, mas lhe deixara aquella carta manchada de lagrimas. Não chorou. Não a procurou. E não soffreu, porque a dôr grande, que o assoberbava, não era elle que a sentia. Era outro... Devia ser outro.

Passeou, fumando. Scismava, fumando, passeando. O tempo passava lentamente. Quanto tempo? Estava absorto, sentindo um abysmo largo dentro do peito, ao redor de si, para deante, para traz. Chegou-se á janella. Olhou a rua deserta, estreita, lá, em baixo, batida pelas cordas pesadas da chuva, que cantava no beiral das casas. De quando em quando, passava, encapotado, um tresnoitado: correndo. Tinha as palpebras pesadas: o olhar vago e passado. Queimava-lhe a bocca, a cara, a testa uma febre forte. Olhou, de

novo, a rua, olhando qualquer coisa que, já agora, não existia, que morreu, que se esgarçou dentro da noite, dentro da tempestade desagregando-se, dissolvendo-se, e que lhe deixou na bocca o resaiço melancolico de um beijo...

Estendeu a mão num gesto vasto e fallou dentro da garganta, dentro da alma:

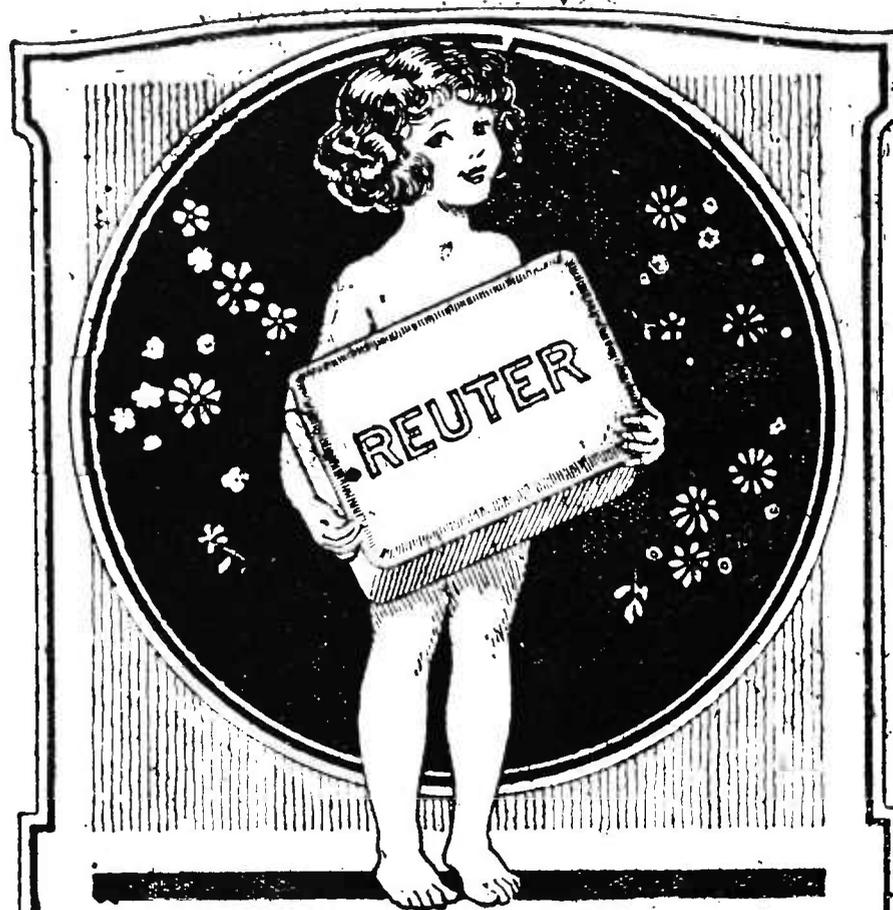
"Rosa! Como é triste a nossa vida! Como tu vaes soffrir! Que será de ti amanhã? Sem casa, sem destino a correr atraz de tua illusão, por caminhos que te apparecerão deslumbrados de belleza... Não te amaldiçoou, porque sempre te quiz bem... Mas, tenho pena de ti, Rosa, muita pena"...

Escancarou a janella: o vento frio que lhe zurgiu as faces fel-o recuar. Com pouca demora, voltou á janella. Galgou-a. E, grande, pesado, pallido, batido pela chuva, zurzido pelo vento, despenhou-se dentro do vacuo. Morreu. Rebentou, nas pedras, o craneo. Violentemente.

ADRIANO GENOVESI



ARLEQUIM



Uma fragancia deliciosa, grande duracao e excelentes propriedades para embellecer a cutis.

Tudo isto se acha comprehendido no

Sabonete de Reuter

E' um anjo da guarda para as criancas; devido a que lhes conserva sempre a cutis mimosa e delicada, fresca, perfumada e em perfeito estado de saude.

Hino Nacional Primitivo

As vozes da terra dormiam cansadas
nas matas imênsas de cabêlos verdes.

Ao sôpro do vento,
vieram de longe brancas caravêlas
cheinhas de homens brancos que nem o luar,
vestidos de pânos de côres vistosas.

E os homens traziam guitarras de cordas retêzas,
e nelas tocavam cantigas dolentes, tristonhas.

Os homens vermelhos,
nativos da terro de cabêlos verdes,
quedaram a ouvir as cantigas dolentes, tristonhas,
que os homens
que vieram de longe, de longe,
sabiam tocar.

E ouviram as cantigas
e forom cantar prô velho Pagé,
que era o decâno dos homens vermelhos nativos da terra,
e forte que nem trônco verde de igarapê,
e tinha um tacápe certo-certeiro,
temido por todos os homens nativos da terra,
e um arco flexível de flexas velôzes,

— que as vozes da terra dormiam consadas
nas matas imênsas de cabêlos verdes...

E o velho Pagé
soprou fortemente com sopro de vento um boré,
tão forte, tão forte,
que foi acordar o Sacy-Pererê,
que dormia um sôno indolente
no meio á Caatinga.

E o Sacy-Pererê,
fez uma cornêta de folha de inhâme,
vestiu uma farda vermelha da côr do urucum,
montou num tatú
e tocou reunir.

E as vozes da terra quizeram cantar.
As Uyaros cantaram cantigas da terra...
Do fundo da mata cantou a arapônga...
O Sacy-Pererê assobiou assobios nativos...
E o velho Pagé
soprou fortemente com sopro de vento o boré...

Tocaram,
cantaram,
tão forte, tão forte...
... mais forte que os sons das guitarras de cordas retêzas.

N o b r e g a d e S i q u e i r a

O I n s p e c t o r L i t t e r a r i o

... Naquelle tempo, três ou quatro vezes por anno,
era certa a presença, na escola, do senhor Inspector Lite-
rario. Aparecia de surpresa na sala acanhada, onde estu-
(Aetshr et nuetshao maord etnu socihm raod et nuescn
davamos a cartilha, sob a ameaça permanente de uma régua
de cedro que imprimia um ar bellicoso no bom do mes-
tre-escola.

A missão do Inspector Literario éra méremanete de-
corativa. Um modo se se premiar dedicações ao benemerito
partido dominante.

Ora, naquelle tempo, em minha terra, exercicia-o, a
grande aprazimento de seus correligionarios politicos, o
major Quintino. A' chegada do major, punhamos de pé.
Nunca lhe pude esquecer a respeitavel figura: mais ou
menos baixa e mais ou menos adiposa, exhibindo vistosa
bengala de alecrim.

Coda alumno, de roupa nova, aguardava, no "corredor
dos chapéus", a hora do exame. Iamos um a um. Eis senão
quando o mestre chamou por mim. Entrei. Approximei-me

da mesa, em frente ao major Inspector. Tracei o mappa
de São Paulo no quadro-negro. Respondi que o terra se
assemelhava a uma laranja. Li, em voz alta, um trecho
do III Livro de Felisberto de Carvalho. Passei á analyse.

A CANETA DE PEDRO

— Vomos lá, — disse o Inspector — se "a" é artigo,
"caneta" o que é?

— Substantivo — major Quintino — avaipei firme.

— Estás enganado, "Caneta" não é substantivo.

Pensei, reflecti, meditei. Suei frio. Tive vontade de
chorar. Ao lado, o pobre de meu mestre sorria amarello.

E o Inspector Literario, pausadamente:

— Então, não sabes o que é "caneta", em analyse
grammatical? Não sabes? Estás muito atrasado, menino.
"Caneta" substantivo, ora vejam! Porque, em analyse,
"caneta" é verbo... Sim... Terceira pessoa do indica-
tivo do verbo CANETAR...

RENASCIDOL

PODEROSO TONICO, RECONSTITUINTE
E ESTIMULANTE



Vidro original

Licenciado pelo D. N. S. P., sob n. 76, em 24 de Janeiro de 1927, e registrado no Ministerio da Agricultura sob n. ... RENASCIDOL, faz renascer. E' um poderoso tonico dos nervos, do cerebro e do coração é um grande renovador das forças esgotadas. RENASCIDOL é o estimulante por excellencia. Todos aquelles que soffrem de enfraquecimento geral, debilidade, anemia, despepsya nervosa, neurasthenia, tonteiras, falta de memoria, enfim, de todas as enfermidades originarias do máo funcionamento do estomago e dos nervos, deverão tomar RENASCIDOL, não fatiga o organismo. Pelo contrario, tonifica-o, estimula-o, fortifica-o, dá-lhe novas energias. RENASCIDOL, é um poderoso tonico e reconstituente e seu fabrico é unica e exclusivamente com plantas de grande valor therapeutico. Grande numero de medicos de nomeada receita RENASCIDOL aos seus doentes, certos que estão de seu grande poder curador. RENASCIDOL é um elixir tonico differente de todos os seus congeneres, devido a sua formula. A quem não obtiver resultado positivo, melhora accentuada, ao primeiro vidro, restituiremos a importância do custo de RENASCIDOL. Aquelles que soffrem deverão tomar, hoje mesmo RENASCIDOL e sentir-se-ão immediatamente alliviados de seus males. RENASCIDOL é receitado com a maior confiança pelos illustres Drs. Ubaldo Veiga, José Paulo Sodré, Jorge Pinto, Angelo Camara e Professor F. Esposel, medicos da Associação dos Empregados no Commercio.

Encontra-se á venda em todas as pharmacias e drogarias do BRASIL. Preço do frasco 10\$000. Pelo Correio mais 2\$000 para o porte. Para revendedores fazemos grande abatimento de accordo com as tabellas em duzias e caixas.

PEDIDOS AO LABORATORIO DO "RENASCIDOL"

ROLINK & Cia.

ACCEITAM-SE REPRESENTANTES NOS ESTADOS E NO
ESTRANGEIRO

Rua SENADOR Dantas, 75, 1.º andar — Rio de Janeiro.
Drogaria Baptista — Rua 1.º de Março n. 10.
Drogaria Pacheco — Rua dos Andradas 43 a 47.

DEPOSITARIOS

Drogaria Ribeiro Menezes — R. Uruguayana, 91.
Drogaria Huber — Rua 7 de Setembro ns. 61/63.

Em NITHEROY: Drogaria Barcellos — R. Visc. do Rio Branco, 413

Em PETROPOLIS: Drogaria Central — Av. 15 de Novembro, 613

Nos Estados do Pará e Maranhão — OLIVEIRA PIMENTEL & Cia.

No Estado do Piahy — DIDIMO DE FREITAS.

No Estado do Ceará — CRAVEIRO & MATTOS.

No Estado de Sergipe — A. GOMES CAFE'.

No Estado do Espirito Santo — EUDOXIO CALMON & Cia.

No Estado de Alagoas — APPARICIO RAMALHO MOREIRA.

No Estado de Pernambuco — AMERICO SANTOS & Cia.

No Estado de Parahyba — ILDEFONSO BEZERRA.

No Estado do R. Grande do Norte — B. GUERRA & Cia. Ltd.

**"O CULTO
DA SAUDADE"**

Um grupo intelligente de senhoras da nossa melhor sociedade lembrou, ha dias, que se manifestasse por intermedio de esmolas o muito que nos são caros os parentes e amigos fallecidos.

A idéa, excellente como é, não poderia deixar de colher os applausos que realmente colheu.

Assim, sanatorios e hospitaes teem recebido donativos valiosos de todos aquelles que querem homenagear a memoria de entes caros e desaparecidos. Approxima-se, entretanto, com o penultimo mez do anno o dia triste de todos os mortos...

Finados.....

E, em finados o culto da saudade, tem que se manifestar de outra maneira porque as sepulturas dos nossos parentes não podem ficar nuas de flores, ou despidas de enfeites.

Por isso o culto da saudade, em Novembro, terá forçosamente o caracter clasico que sempre teve, entre nós.

Façam então suas compras de corôas de biscuit á rua Santa Ephigenia, 45-A (Casa Santa Ephigenia), dos Srs. M. Silva e Companhia.

Alli encontrareis um sortimento d'essas corôas em typos-extra, escolhidas, e para todos os preços.

São as unicas que resistem ao sól e a chuva, sendo de duração eterna.

As corôas de flores naturaes murcham teem uma existencia ephemera, passageira e ao chegarem ao Cemiterio já nada valem. Corôas de biscuit, procurem a Casa Santa Ephigenia.

TINTA?

Só Sardinha

A MAIS BELLA E A MAIS ECONOMICA

Assucar falsificado

Quatro grossos pneumáticos vão rodando e riscando o asfalto de amplas avenidas.

Um dia tepido e placido.

No céu cinzento ha um sól feio e amarello com cara de chinez insatisfeito.

A um lado do moderna "limousine", Melle., deliciosa e fresca em sua "toilette" rose fanée, corre o olhar esmeraldino pelas avenidas transitadas, sonha e faz castellos...

Do outro lado Mme. com um or grave e um cerebro vasio, ainda bella nessa tarde languida, com um vestido "lilas".

Desilludida da vida e do amôr dos homens, cansada de sotisfazer os seus desejos, Mme. acha a tarde insipida, e a vida intoleiravel.

A felicidade sendo sempre um desejo insatisfeito é uma utopia generosa.

Pára o automovel em frente á residencia de Maria Luiza Salles que offerece nesse dia, ás suas omigas, um chá pelo noivado.

S. Magestade o ridiculo Convencionalismo recebe homenagens.

Ricas "corbeilles" brancas, cheirando candura, fazem alos para Mme. e Melle. Maria Luiza, a noiva, recebe suas amigas que olham-n'a com inveja visivel e lhe desejam mil felicidades.

Chegam a numerar a felicidade.

E como são liberaes! O noivo é banal, timido e bonzinho... como todos! Ha muito gente. Muita animação. Mme., com algumas amigas, enthusiasma-se. Fala de modas. Commenta factos e maldiz do governo querendo maldizer da vida caro. Melle., tendo se afastado do grupo de moças, conversa com o Carlos. Um rapaz bonito, de olhos fundos, que lhe diz o amôr em versos.

Carlos aspira posições... mas promiscue de tal modo amôr e interesse que é sincero quando declaro, declarando, um amôr cêgo. Em seus olhos tresnoitados ha tanto causaço, tanta necessidade de repouso! Na vitrola a agulha beija soffregamente o disco fugitivo e chora... E os

versos, e o tango e outras influencias do momento, despertam em Melle. o desejo ardente de amar, de ser mulher.

Deixou o Carlos cheio de esperanças de melhores dias...

A' sahido desejou venturas á Maria Luizo. Desejou com mais ardor porque já pensava na sua.

De novo deslisa o carro embalando suavemente Mme. e Melle, entre almofados macias. Multiplos pontos luminosos, no céu e na terra, povoam a entrada da noite. Melle. toda entregue ao seu sentimentalismo compara, talvez por vir de um chá, a vida a um grande bôlo e o amôr ao assucar que o enfeita e adocica.

E ella ainda não pudera adoçar a sua vida...

Nisso, por uma fatalidade, inoportuna como os outras, um dos pneumáticos estoura. Mme., irritada, repete em alta voz, uma phrase ouvida pouco antes:

"Neste seculo XX tudo é falsificado"...

M a r i a

M a r i a



Revue de L' Amerique Latine

Todos os intellectuaes brasileiros deveriam assignar e collaborar nesta revista de diffusão da cultura da America Latina, na França, como fazem os intellectuaes dos demais paizes Sul e Centro-Americanos.

A Revista já conta sete annos de existencia e tem á sua direcção os escriptores Ernest Martinenche e Charles Lesca, e como collaboradores um grupo de literatos que conhecem a literatura portugueza e hespanhola, entre os quaes: Manoel Gahisto, Francis de Miomandre, Jean Cassou, G. le Gentil, Phileas Lebesgue, Georges Pillement, Robert Ricard, Raymond Rouze, René Richard, Angel Marvaud, Max Daireaux, Jean Duriau, C. Fournier, A. Folgairolle.

PREÇO DA ASSIGNATURA ANNUAL: \$2.60 OU SEJAM 22\$000



P A I X Ã O

Ser rico, possuir milhões, ter tudo que o dinheiro pode comprar e ostentar o luxo era o meu ideal sonhado.

Mas, pobre de nascença, não sei a que attribuir tão desmedida ambição.

E minha vida foi uma esperança desenganada pelo destino...

Vivi de um sonho irrealisavel! Imaginei um lar, ao lado de uma mulherzinha que fosse minha! Idealisei o goso e a delicia de ter sobre os joelhos um casal de creanças lindas e angelicaes que me chamassem — "Papaezinho"... Pensei um futuro cheio de aventuras romanticas e hjoe vejo a presumpção da minha loucura atravez a lente desillusoria do desengano...

Arrosttei, illudido e pobre, as surpresas de um sonho louco, dentro do mesmo mundo em que vivi tão rico de illusões!

Insulado da sociedade, embora vivendo nella, rio-me como o palhaço, para disfarçar as agonias de um coração chagado. Si vejo um infeliz chorar, rio-me da sua desgraça.

Se a um feliz vejo sorrir rio-me tambem da sua felicidade. Não distingo felizes nem desgraçados. Ambos me fazem rir porque ambos me atassalham a alma, porque ambos me confortam o coração porque sou como o palhaço... e vivo a gargalhar, sem encontrar allivio para as minhas dores e quem de mim se compadeça...

* * *

Oh Deus! Tu que es todo poderoso. Tu que es bom. Tu que es o Pae dos desgraçados porque não escutas a prece dolorida de minh'alma?

Senhor, piedade...

* * *

"... Mas piedade... porque?"

"... Não soffreu meu Filho... e mais que tu?"

"... Elle, o Salvador, não palmilhou uma estrada ingreme de dores, quando andou por sobre a terra?"

"... Não soffreu Elle os escarneos dos teus semelhantes que lhe escarraram na face?"...

"... Haverá dôr que mais compunja que a que elle soffreu... quando procurava a sagrada, a benefica, a espinhosa, a victoriosa Missão de salvar a humanidade?"

"... Piedade... porque?"...

* * *

Deus, oh Deus! O que dissteste é certo. Mas se te imploro piedade é porque soffro de um mal sublime que Teu amado Filho desconheceu...

A DOR DE AMAR UMA MULHER...

S . D E L I M A

R E O

Flyngcloud - Speedwagon - Wolverine

SPEED WAGON



S. A. IMPORTADORA DE AUTOMOVEIS
CAIXA 3346 — ALAMEDA CLEVELAND, 49 A 53 — PHONE 5-1432
END. TEL.: "SPEEDWAGON".

AGENTES:

V. ASSUMPCÃO & LARA LTDA.
RUA 24 DE MAIO N.º 21

E. FLEURY & CIA.
AVENIDA S. JOÃO N.º 187

S ã O P A U L O



A' Altura do Gosto Feminino

Cosmopolita pelas qualidades que o habilitam a prestar toda a especie de serviços, sob as mais variadas condições, Oakland é também cosmopolita pelo que encerra de bello, de util e de confortavel.

A subtileza do gosto feminino, sempre favoravel ao bello, ao elegante e ao confortavel eis o que tem contribuido para tornar o Cabriolet Oakland o favorito do bello sexo.

A sua utilidade, por ser um carro de toda a confiança, e o conforto excepcional que oferece em todas as occasiões, fazem com que a mulher encontre neste modelo Oakland - Cosmopolitan Six - precisamente o carro que lhe convem.



GENERAL MOTORS OF BRAZIL. S. A.
CHEVROLET - PONTIAC - OLDSMOBILE - OAKLAND - BUICK - VAUXHALL - L. SALLE - CADILLAC - CAMINHÕES GMC

BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).